

## Autoritarismo e Nacionalismo na crise dos refugiados de 2015<sup>I</sup>

*Pedro Felipe Neves de Muñoz<sup>II</sup>*

**Resumo:** A crise dos refugiados de 2015 foi a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. No entanto, imigração e mortes já ocorriam antes de 2015 e seguem ocorrendo hoje. Os refugiados sobreviventes são objeto do ódio promovido pela extrema-direita europeia, que vem apresentando grande crescimento desde a crise americana de 2008. Tal fenômeno versa sobre o nacionalismo do século XXI, entendido por Eric Hobsbawm através de 3 elementos: a existência de Estados falidos do pós-Guerra Fria, a globalização, e a xenofobia. Com Bauman, é possível entender não somente as consequências humanas do processo de globalização, mas também as hostilidades aos refugiados e os medos difusos estimulados na guerra ao terror. Boaventura de Souza Santos relaciona a globalização hegemônica neoliberal à crise das esquerdas e ao crescimento da extrema-direita. Este artigo analisa todas essas questões e problematiza o surgimento do AfD, na Alemanha, um novo partido de extrema-direita.

**Palavras-chave:** Refugiados; Globalização; Nacionalismo; Xenofobia; Extrema-Direita

### Authoritarianism and Nationalism in the 2015 Refugee Crisis

**Abstract:** The refugee crisis of 2015 is considered the biggest humanitarian crisis since World War II. However, immigration and deaths were already occurring well before 2015 and continue to occur until today. The surviving refugees are the object of hate promoted by the European far right, which has been showing significant growth since the American crisis of 2008. This phenomenon is part of the nationalism of the twenty-first century, explained by Eric Hobsbawm through 3 elements: the existence of failed states post-Cold War, globalization, and xenophobia. Bauman helps us to understand not only the human consequences of the globalization process, but also the hostility against refugees and the diffused fears stimulated in the war against terror. Boaventura de Souza Santos relates neoliberal hegemonic globalization to the crisis of the left parties and to the growth of the far right. This article analyses all these issues and the emergence of AfD in Germany, as a new far right party.

**Keywords:** Refugees; Globalization; Nationalism; Xenophobia; Extreme Right

Artigo recebido em 11/05/2017 e aprovado em 21/05/2017.

Em dezembro de 2013, cheguei a Berlim para iniciar um curso de alemão financiado pelo DAAD<sup>III</sup> e, em seguida, realizar meu doutorado sanduíche na *Freie Universität Berlin*. A crise dos refugiados não estava no centro das manchetes de jornal, muito embora os imigrantes estivessem morrendo na travessia da África para a Europa via Mar Mediterrâneo. Em janeiro de 2014, presenciei uma pequena manifestação na *Unter den Linden*, uma das principais ruas do centro de Berlim. Nela, os manifestantes expunham fotos de um grupo de negros africanos que haviam falecido poucos dias antes, após o naufrágio de uma embarcação ilegal que tentava cruzar o Mar Mediterrâneo. Fotos chocantes, por sinal.

Além das fotos, os manifestantes distribuíam panfletos. O título do panfleto foi para mim imediatamente claro: *Festung Europa* (em português, “fortaleza Europa”). Os movimentos sociais presentes na manifestação faziam direta referência a um termo criado pela propaganda nazista na Segunda Guerra Mundial. Foi usado pela primeira vez, em 1941, nas transmissões radiofônicas de Hans Fritzsche, subordinado de Goebbels no Ministério da Propaganda.<sup>IV</sup> Em dezembro de 1942, o termo chegou a ser proibido por deixar transparecer um significado defensivo.<sup>V</sup> Era o contexto em que a Alemanha nazista havia amargurado dois grandes insucessos que consolidaram a guerra em duas frentes: a Batalha da Britânia, em 1940, e a Operação Barbarossa, em 1941<sup>VI</sup> (Evans, 2012).

A propaganda nazista, todavia, vendia uma visão de que novas ofensivas trariam a vitória final para a Alemanha. A partir de 1942, ocorreram, no entanto, importantes vitórias dos aliados, dentre elas, no Norte da África. Entre 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 1943, as tropas do VI Exército, comandadas pelo general Friedrich Paulus, renderam-se em Stalingrado. Em 1943, as forças do eixo foram emburradas de volta para o Continente europeu. Lá, a Alemanha nazista exercia amplo domínio. Não era possível entrar na “Fortaleza Europa”. Em junho 1944, a “Fortaleza Europa” nazista caiu no “Dia D”, com o desembarque das tropas aliadas na Normandia. No leste europeu, contraofensiva soviética completava o avanço do pacto antifascista, iniciando a corrida por Berlim<sup>VII</sup> (Evans, 2012).

Em maio de 1945, a guerra foi vencida pelas forças antifascistas que lutaram em nome de um mundo mais humano, livre e plural. No entanto, sabemos o que ocorreu na Europa após 1945. Na Alemanha Oriental, foram mais 44 anos de ditadura, até que, em 1989, o socialismo real tenha ruído junto com a queda do Muro de Berlim. Mesmo o eurocomunismo, como alternativa ao estalinismo soviético, perdera força, segundo o historiador Daniel Aarão Reis Filho.<sup>VIII</sup> Os partidos de esquerda tradicional entravam em crise.

Mas afinal, o que reclamavam os manifestantes da *Unter den Linden* ao evocarem o termo “Fortaleza Europa”? Nos anos 1990, a Alemanha se unificou sob o ideal da defesa da liberdade, principalmente, da liberdade de ir e vir. A queda do Muro de Berlim também permitiu o acesso aos modernos bens de consumo oferecidos pelo capitalismo triunfante da Alemanha Ocidental.<sup>IX</sup>

Porém, segundo os manifestantes da *Unter den Linden*, as cercas da “Fortaleza Europa” permaneceram e negam aos não-europeus tanto a liberdade de ir e vir, quanto o acesso aos bens de consumo do triunfante capitalismo. Em outra metáfora, os alemães progressistas costumam dizer: “os outros países também querem um pedaço do bolo”.

### **As consequências humanas da globalização hegemônica**

As promessas do mundo globalizado, liberal e multicultural foram questionadas pelos manifestantes da *Unter den Linden* ao criticarem a política do controle migratório da Europa e o silêncio da imprensa europeia. Hoje vivemos em um mundo de mercados interdependentes, cujo processo de globalização ocorreu pela via do capital e do consumo.<sup>X</sup> As multinacionais, geridas por seus acionistas, produziram novas formas de gestão e de relações de trabalho, a partir de uma mudança sócio-espacial na ação do capital.<sup>XI</sup>

Segundo Bauman, o capitalismo atual produziu uma assimetria entre a natureza extraterritorial do poder e a contínua territorialidade da vida cotidiana. As forças erosivas transnacionais definham o Estado-Nação e, de acordo com Bauman, se tornaram livres para explorar e abandonar as obrigações com os empregados e as consequências da exploração. Não é mais necessário estar no local de produção para lucrar. As corporações super-exploram a mão-de-obra barata de países, sem oferecer qualquer direito social e trabalhista. Se as grandes corporações multinacionais sofrem ligeiras pressões por estarem presas às localidades, os acionistas são proprietários ausentes. Em geral, não há mais a relação direta entre o trabalhador e dono da empresa como ocorria no fordismo. Afinal os acionistas são figuras desconhecidas que podem estar em qualquer um lugar dos quatro cantos do mundo. Estes se importam apenas com o retorno financeiro dos investimentos realizados, sem ter tido qualquer participação no processo de produção.<sup>XII</sup>

Mas há quem diga que a tecnologia e a internet trouxeram coisas positivas ao mundo globalizado. Houve um aumento exponencial na mobilidade humana. As telecomunicações cresceram globalmente e a internet fez circular instantaneamente a informação. Porém, segundo a psicóloga norte-americana Sherry Turkle, estamos “mais conectados e mais sozinhos”.<sup>XIII</sup> Estamos mais perto e mais distantes – paradoxo típico da modernidade, segundo a definição de Marshall Berman.<sup>XIV</sup> Na hipermodernidade, padecemos do narcisismo e do egoísmo que passaram a predominar na subjetividade ocidental, em uma organização social hiper-individualista e consumista, na qual predomina a indiferença com aqueles que também querem “um pedaço do bolo”.<sup>XV</sup>

De acordo com Eric Hobsbawm, “vivemos numa era de instabilidade internacional iniciada 1989, cujo fim ainda não se pode prever”. E ele continua “As tentativas unilaterais em prol do estabelecimento de uma ordem global até aqui não tiveram êxito”. Para Hobsbawm, a desintegração da União Soviética e a descolonização provocaram a ampliação de Estados soberanos, mas também de ‘Estados falidos’, com governos centrais frágeis onde muitas vezes há uma situação endêmica de conflitos armados internos, como na África, nas ex-repúblicas soviéticas e também na América Latina.<sup>XVI</sup>

Por fim, Hobsbawm lembra que a “Guerra Fria” deixou um enorme suprimento de armas e instrumentos de destruição muito potentes para usos não-governamentais por grupos armados não-estatais, adquiridos no “gigantesco e incontrolável setor paralegal da economia global, em fantástica expansão”. Surgiu, assim, a chamada “Guerra Assimétrica” que produziu, segundo Hobsbawm, uma recaída global de genocídios, massacres e “limpezas étnicas” como não se havia visto mais desde a 2ª Guerra Mundial. Além de um grande número de mortos e mutilados, esses conflitos produziram um grande número de refugiados. Em 2005, a ONU calculou em 20,8 milhões o número de pessoas que se viram obrigadas a deixar seus países de origem. Outras estimativas de 2005 chegam a falar em 33 a 35 milhões de refugiados em todo mundo. Hoje, em 2017,

isto é, dois anos após o auge da crise humanitária de 2015, fala-se em 65 milhões de refugiados.<sup>XVII</sup>

### A Crise Humanitária dos Refugiados em 2015

Recentemente, tentei buscar, sem sucesso, notícias de jornal sobre os acontecimentos denunciados pelos manifestantes da *Unter den Linden*, em janeiro de 2014. A imprensa alemã parece ter se mostrado totalmente desinteressada por aquela tragédia. E o que mudou, afinal? As mortes de imigrantes africanos no Mediterrâneo sempre foram comuns. Assim como era comum não haver qualquer repercussão na imprensa europeia sobre o tema. E o que mudou, afinal, em 2015? Em 2015, ocorreu um crescimento exponencial no fluxo de refugiados, muitos dos quais fugiam da Guerra na Síria e chegavam até as “portas da Europa”, quando passaram a ser barrados. Mesmos os sírios com recursos não eram aceitos pelos voos comerciais.

Em 2015, houve uma fuga em massa, revelando um problema humanitário de proporções nunca mais vistas, desde a 2ª Guerra Mundial. A situação se tornou tão dramática que não era mais possível ignorar a questão. Um terço da população da Síria deixou o país. Essas pessoas chegavam em massa à Europa, tanto pelo mar quanto por terra. Notícias sobre o afundamento de embarcações passaram para o centro das manchetes de jornal. Uma delas chocou o mundo ao mostrar o corpo de uma criança Síria, de 3 anos. Trata-se do menino Alan Kurdi, encontrado afogado e morto em uma das praias da Turquia, após ter virado o pequeno bote em que ele e a família estavam. Esse bote transportava 17 pessoas e fazia a travessia entre a Turquia e a ilha grega de Kos.<sup>XVIII</sup>

Entre os imigrantes, encontram-se também profissionais sírios qualificados e que eram bem remunerados antes da Guerra. Eles fazem parte de uma multidão que foge em desespero, deixando tudo para trás, guardando apenas na memória as lembranças de tempos de prosperidade familiar. Eles se tornavam presa fácil na mão dos coites e traficantes de pessoas. Toda riqueza acumulada é utilizada por essas famílias para pagar a fuga e a tentativa de entrada ilegal na Europa. Outros, sem recursos, tinham se aglomerado em campos insalubres de refugiados no Oriente Médio.

A crise dos refugiados acendeu o alerta máximo entre as autoridades europeias. O próprio Tratado de Schengen foi questionado. Firmado pela primeira vez, em 1985, por 7 países da Europa, hoje o tratado engloba 15 países, em sua grande maioria membros da União Europeia.<sup>XIX</sup> Hoje, depois de muitos anos, assistimos o fechamento das fronteiras, o retorno do controle de passaportes e um jogo de empurra-empurra entre as nações que eram os principais destinos finais dos imigrantes, como a França, a Alemanha e a Inglaterra. A cobertura internacional da crise dos refugiados jogava mais pressão para diplomacia europeia. As divergências e as feridas nacionais entre os europeus ficaram expostas. Hoje, discute-se a implementação do *Brexit* – a saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

Enquanto chegavam mais refugiados, o policiamento nas fronteiras foi reforçado. Cercas de proteção foram colocadas para impedir o avanço deles. Angela Merkel, outrora marcada por sua posição firme no episódio da crise na Grécia em 2010, deu declarações mais brandas e, em alguns momentos, simpáticas à causa dos imigrantes. Com isso, Merkel passou a sofrer pressões no interior de seu próprio partido, a “União Democrática Cristã” (*Christlich Demokratische Union, CDU*), mas principalmente de grupos mais direitistas da sociedade alemã. A atuação de Merkel foi frontalmente questionada, especialmente, por ter permitido a entrada de centenas de

milhares de refugiados, muitos dos quais desembarcaram em Munique, em setembro de 2015.<sup>XX</sup>

De acordo com o Tratado de Dublin de 1990, transformado em regulamento em 2003, caberia ao primeiro país da entrada registrar e realizar a análise do pedido de asilo. Estes, no entanto, davam aos refugiados o comando de seguir em frente sem que qualquer registro fosse feito. Itália e Grécia passaram a receber uma grande quantidade de refugiados, sem conseguir lidar com isso. Em meio à crise humanitária, agências de refugiados sugerem a suspensão do Tratado de Dublin. Em abril de 2016, a Comissão Europeia anunciou uma reforma no Bloco e colocou em questão do regulamento de Dublin.<sup>XXI</sup>

### A AfD e a questão dos refugiados na Alemanha

Chegamos, então, ao ponto central deste texto. Um intenso debate se formou na opinião pública alemã. De um lado, setores mais progressistas tentavam dar as boas-vindas aos refugiados que chegavam à Alemanha. De outro, grupos de extrema-direita lançavam posições nacionalistas e autoritárias como solução para a questão. Surgiram notícias na imprensa alemã de que grupos neonazistas atuavam de forma violenta contra os refugiados. Alguns abrigos teriam sido até incendiados, revelando a brutalidade da extrema direita alemã.

E quem são essas pessoas que inflavam o nacionalismo alemão e que propuseram soluções autoritárias para a crise dos refugiados? Dois partidos merecem nossa atenção. O “Partido Democrático Nacional” (*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*, NPD) e o “Alternativa para a Alemanha” (*Alternative für Deutschland*, AfD). O NPD é um pequeno partido de extrema-direita que foi fundado nos anos 1960 e que passou a dar representação, inclusive, aos grupos neonazistas. Nos últimos anos, conquistou surpreendentes vitórias. Em 2014, ele conseguiu uma cadeira nas eleições para o Parlamento Europeu, ocupada Udo Voigt.<sup>XXII</sup>

Já o AfD é um partido novo, fundado em 2013, e que propõe construir, como indica seu nome, uma alternativa para a Alemanha. Uma alternativa que leva o partido para o campo da extrema-direita. Nas últimas eleições regionais da Alemanha de 2016, a AfD conquistou considerável votação: 24,2% dos votos em Sachsen-Anhalt, 12,6% em Rheinland Pfalz e 15,1% em Baden-Württemberg.<sup>XXIII</sup> No Parlamento Europeu, a AfD conquistou 7 mandatos em 2014, embora agora só detenha 2 das 96 cadeiras da Alemanha.<sup>XXIV</sup>

Resultados similares da direita e da extrema-direita ocorreram nas eleições de países como França, Inglaterra e Polônia. Essas vitórias lançam luz claramente à onda conservadora, reacionária e direitista que se proliferou no mundo, após a crise norteamericana do *superprime* de 2008. O que significa esse crescimento da direita e da extrema-direita? E o que ela tem a ver com a crise dos refugiados?

Antes de problematizar essa onda conservadora, quero falar um pouco mais sobre o AfD para responder a segunda pergunta. Neste ano, circularam notícias na imprensa alemã que escandalizaram a opinião pública e, principalmente, as correntes mais progressistas da sociedade alemã. O debate se alastrou pelas redes sociais do país.

Em entrevista ao canal 2 (*Zweite Deutsche Fernsehen*, ZDF), Frauke Petry, chefe do partido AfD, foi questionada sobre quais ações a polícia de fronteira deveria tomar em relação aos imigrantes ilegais que estiverem forçando a entrada no país. Ela argumentou que se necessário fosse, a polícia poderia abrir fogo e atirar contra os imigrantes. Ela argumentou que é assim que está na lei.<sup>XXV</sup> Suas declarações

repercutiram imediatamente entre os políticos alemães. Ela recebeu duras repreensões e sua solução para o problema dos refugiados foi considerada muitas vezes antidemocrática pelos partidos mais progressistas.

Em meio aos questionamentos públicos, Beatrix von Storch, chefe do Partido AfD em Berlim e deputada alemã no Parlamento Europeu, deu declarações que colocaram mais pano quente no debate. Ao ser perguntada, na rede sociais, se polícia deveria abrir fogo contra os imigrantes ilegais, mesmo se entre eles houvesse mulheres e crianças, Beatrix respondeu que sim. Sua resposta viralizou imediatamente pelas redes sociais na Alemanha e repercutiu novamente na imprensa do país. Ao ser interpelada pela imprensa, Beatrix disse que a polícia de fronteira poderia sim abrir fogo contra as mulheres, mas não contra as crianças.<sup>XXVI</sup>

Até a legislação alemã foi evocada para justificar o eventual banho de sangue. Beatrix von Storch fez referência ao parágrafo 11 de uma lei alemã, segundo a qual prevê que

“os oficiais executivos de defesa das fronteiras podem usar armas de fogo, mesmo contra pessoas que repetidamente desobedecem a instrução para parar ou para serem tolerantes à inspeção, à inspeção dos meios de transporte ou objetos carregados e que tentem se privar da instrução ao escaparem. Caso a instrução não seja compreendida, pode ser substituída por um tiro de aviso”.<sup>XXVII</sup>

Essa guinada à direita que vive a Europa parece ter relação com três questões interligadas. Em primeiro lugar, com o nacionalismo xenofóbico e autoritário. Em segundo lugar, com a indústria do medo e guerra ao terror. Por fim, com a crise da socialdemocracia e dos partidos de esquerda tradicional (comunistas e socialistas).

De acordo com Hobsbawm, o problema das nações e do nacionalismo é afetado pelo enfraquecimento do poder central em muitos países. No mundo islâmico, o ressentimento contra os invasores ocidentais voltou a ser um fator politicamente considerável. Nesse contexto, produziu uma enorme onda migratória internacional das economias pobres para as economias ricas. Entre 1998 e 2001, a Europa Ocidental recebeu 11 milhões de estrangeiros, a maior parte, oriundos da África e da América do Sul. Para Eric Hobsbawm, o continente europeu, “pátria mãe dos nacionalismos, as transformações da economia mundial estão desfazendo o que as guerras do século XX, com seus genocídios e transferências em massa de população pareciam produzir”, segundo ele, “um mosaico de Estados nacionais etnicamente homogêneos”. E o historiador inglês conclui “a nova globalização de movimentos reforçou a longa tradição popular de hostilidade econômica à imigração em massa e de resistência ao que se vê como ameaça à identidade cultural coletiva”.<sup>XXVIII</sup>

Em segundo lugar, pode-se dizer que o crescimento da direita e da extrema-direita bebe na indústria do medo e na guerra contra o terror. Segundo Bauman, o desejo de pertencimento a uma comunidade estaria ligado à busca por segurança. Porém, na atualidade há um paradoxo, quanto mais se reforça a segurança, maior a sensação de insegurança e menor é a sensação de liberdade, na comunidade. Trata-se de um medo difuso explorado politicamente e comercialmente, em um mercado lucrativo. Segundo Bauman, “para o governo e o mercado, é interessante manter acessos esses medos e, se possível, até estimular o aumento da insegurança”. Para o sociólogo polonês, a mesma situação se mostrou presente na acusação de que Saddam Hussein tinha armas de

destruição de massa e “quando nos dizem que nossas preocupações e problemas acabarão se os emigrantes forem mandados para casa”.<sup>XXIX</sup>

Para finalizar a presente intervenção, lembro os estudos de Boaventura de Souza Santos sobre a crise da socialdemocracia e a crise dos partidos tradicionais de esquerda. De acordo com Souza Santos, o modelo da socialdemocracia busca combinar “altos níveis de produtividade e proteção social de uma vez”. Mas, para o sociólogo português, o desenvolvimento da União Europeia produziu transformações políticas que levaram ao questionamento da viabilidade desse modelo social. Além disso, Boaventura destaca que “Washington impõe o neoliberalismo, com mercados, privatizações, dando ao Estado um papel secundário. É o que chamamos de democracia de baixa intensidade, com níveis de desigualdade muito altos, ao que não estávamos acostumados na Europa”.<sup>XXX</sup>

No contexto da crise de 2010 na Europa, cujo epicentro foi a Grécia, Boaventura identificou que os partidos da esquerda tradicional (socialistas e os comunistas) não estavam ocupando as ruas, único espaço público não colonizado pelos mercados. Segundo Boaventura de Sousa Santos, “nesse processo de esvaziamento democrático, os partidos tradicionais – e muitos intelectuais – desapareceram das ruas. Consideram que com as massas não se faz política, porque estão despolitizadas”.<sup>XXXI</sup> Parece que é nesse vazio democrático, destacado por Boaventura, que a extrema-direita ganha força.

Contra esse cenário, Boaventura escreveu 13 “cartas às esquerdas”, onde defende que o capitalismo neoliberal é caracteristicamente antidemocrático. Dentre outras coisas, o capitalismo neoliberal prega o fim do estado social e a desregulamentação – embora isso tenha produzido a crise americana de 2008. E a solução da crise de 2008, para Boaventura, revelou uma vitória do capital e a derrota da democracia. Às esquerdas cabe renovar suas linguagens e lutar pelo resgate da democracia, naquilo que Boaventura de revolução democrática, isto é, a constituição de uma sociedade pós-liberal.<sup>XXXII</sup>

### Considerações Finais

Em seu livro “Globalização”, Bauman identificou que o mundo globalizado produziu uma estratificação social entre uma elite supra-local extraterritorializada e o restante da população. Os primeiros representam um poder extraterritorial que se desresponsabiliza dos custos e direitos sociais e humanos do local de onde extraem seus lucros. Do outro lado está o restante da população que convive com territorialidade da vida comunitária cotidiana, com suas contradições, tensões e conflitos.<sup>XXXIII</sup>

Bauman nos mostra que essa elite paga para viver em seu isolamento. Vive em locais fechados e “proibidos”, como se fossem novos castelos medievais, enquanto o restante da população vive em guetos modernos do século XXI. O isolamento da elite supra-local se constitui através altos gastos com segurança privada e mobilidade particular. Isso quer dizer que não dependem do espaço público e dos serviços públicos.<sup>XXXIV</sup>

Richard Sennett, ao analisar o declínio do homem público e dos corpos cívicos reunidos no espaço da Ágora moderna, afirmou que ela é diversa somente em sua aparência. Por de trás do multiculturalismo, verifica-se um grande desinteresse pelo outro, falta de diálogo e interesse pelo estrangeiro e dessemelhante, ou ainda, hostilidade frente as diferenças. Segundo Jurandir Freire Costa, os críticos da modernidade afirmam que a globalização forma identidade tradicionais, como a família, a religião, o trabalho, o bem comum, etc. O indivíduo viu-se libertado dessas

identidades normativas e teria se entregue a dois suportes identitários: narcisismo e hedonismo.<sup>XXXV</sup>

Lipovetsky, por sua vez, lembram que o aumento da violência e a crise identitária aberta nas sociedades pós-modernas e globalizadas são seguidos pela retomada de identidades étnico-religiosas e conservadoras com grande apelo xenófobo e nacionalista – com características distintas do nacionalismo dos séculos XIX e XX. Nessa segunda modernidade, fortemente marcada pela obsolescência e pelo império da moda, busca-se a satisfação imediata, sem, portanto, haver grande preocupação com o planejamento do futuro. Contudo, segundo Lipovetsky, não haja nessa segunda modernidade uma característica exclusivamente presentista, já que o frenesi presentista se mostrou ilusório e foi seguido pela descrença e insegurança do presente, como local de risco. Todavia, Lipovetsky afirma que isso não tornou a sociedade atual menos hiperindividualista.<sup>XXXVI</sup> Pelo contrário, por meio dele elucida-se o comportamento dos grandes investidores descrito por Bauman.

Vemos então, que a globalização centrada no capital, no neoliberalismo e no consumismo tem produzido, por um lado, um aumento das desigualdades socioeconômicas entre os países e entre classes sociais e, por outro, um receituário ineficaz para as crises políticas e econômicas que afligem o planeta. E o caso dos refugiados significa na prática um aumento de gastos sociais pelo Estado, algo totalmente fora do interesse do capital.

Em meio às pressões políticas e aos crescentes atentados terroristas, encontrou-se um bode expiatório: o refugiado. Em um dos seus últimos livros, Bauman lembrou que a maior parte dos radicados nasceram na própria Europa. Em geral, são pessoas segregadas e que, por isso, não constroem laços identitários com as comunidades em que vivem. Tornam-se pressas fáceis para o Estado Islâmico. Quanto maior a difusão do medo contra essas minorias, maior é o crescimento do ódio e a radicalização.<sup>XXXVII</sup> Nesses termos, não há solução para a Europa.

## Notas

<sup>I</sup> Este texto foi originariamente uma conferência que proferi na Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, em 15 junho de 2016, como parte do evento “O Grande Êxodo” que contou com outros dois palestrantes: o prof. Cândido Mendes e o prof. Luiz Alberto Gomes de Souza. Agradeço ao prof. Luiz Alberto pelo convite.

<sup>II</sup> Doutor em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e doutorado sanduíche no Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim (LAI/*Freie Universität Berlin*), com financiamento CAPES/DAAD. Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

<sup>III</sup> Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (*Deutsche Akademische Austauschdienst*, no Alemão).

<sup>IV</sup> Hans Fritzsche (1900-1953) foi um alto funcionário do Ministério da Propaganda de Goebbels. Em 1937, assumiu o papel de comentarista de rádio e, em 1942, ocupou o lugar de diretor ministerial e diretor do departamento de rádio do Ministério da Propaganda. Em 01/10/1946, acabou sendo absolvido no Julgamento de Nuremberg. KLEE, Erst. **Das Personen-Lexikon zum Dritten Reich: wer war was vor und nach 1945**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2013. p. 169.

<sup>V</sup> BONACKER, Max. **Goebbels' Mann Beim Radio: Der NS-Propagandist Hans Fritzsche (1900-1953)**. Berlim: Walter de Gruyter, 2007.

<sup>VI</sup> EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

<sup>VII</sup> Idem.



- <sup>viii</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Crise e desagregação do socialismo. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; Jorge Ferreira; ZENHA, Celeste. **O Século XX: o tempo das dúvidas, do declínio das utopias às globalizações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 161-183.
- <sup>ix</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Reunificação Alemã**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- <sup>x</sup> HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- <sup>xi</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- <sup>xii</sup> Idem.
- <sup>xiii</sup> Refiro-me a palestra de Turkle no TED. TURKLE, Sherry. **Alone Together**. Disponível <[https://www.ted.com/talks/sherry\\_turkle\\_alone\\_together/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together/transcript?language=pt-br)> Acesso em 10/09/2017.
- <sup>xiv</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- <sup>xv</sup> LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- <sup>xvi</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. cit. p. 87.
- <sup>xvii</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. cit. p. 87-88. O Museu do Amanhã do Rio de Janeiro aborda esse tema na exposição temporária “Vidas Deslocadas”, de 21/06/2017 a 17/09/2017. Nela, faz-se referência a estimativa mais recente da ONU que calculou em 65 milhões o número de populações deslocadas em todo o mundo. Disponível em <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/vidas-deslocadas>>
- <sup>xviii</sup> BBC Brasil. **A história por trás da foto do menino sírio que chocou o mundo**. 03 de Setembro de 2015. Disponível em <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903\\_aylan\\_historia\\_canada\\_fd](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd)> Acesso em 10/09/2017.
- <sup>xix</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- <sup>xx</sup> BERNABUCCI, Claudio. **Um desastre humanitário na Europa**. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/866/a-maior-tragedia-6599.html>> Acesso em 10/09/2017.
- <sup>xxi</sup> MACHADO, Juliano. **UE faz proposta de reforma no sistema de pedido de asilos a migrantes**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/04/1758045-ue-reformara-sistema-de-pedidos-de-asilo-e-recebimento-de-migrantes.shtml>> Acesso em 10/09/2017.
- <sup>xxii</sup> DER TAGESSPIEGEL. **Europawahl 2014: flaute für Deutschlands Rechtsextreme**. Disponível em <<http://www.tagesspiegel.de/politik/europawahl-2014-flaute-fuer-deutschlands-rechtsextreme/9952142.html>> Acesso em 10/09/2017.
- <sup>xxiii</sup> SPIEGEL ONLINE. **Die Ergebnisse der Landtagswahlen im Überblick**. Disponível em <<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/wahlen-2016-die-ergebnisse-der-landtagswahlen-im-ueberblick-a-1082093.html>> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxiv</sup> SPIEGEL ONLINE. **Deutschland schickt 14 Parteien nach Straßburg**. Disponível em <<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/europawahl-cdu-csu-stabil-spd-legt-zu-afd-sieben-prozent-a-971586.html>> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxv</sup> SPIEGEL ONLINE. **"Notfalls auch von der Schusswaffe Gebrauch machen"**. Disponível em <<http://www.spiegel.de/politik/deutschland/petry-fordert-notfalls-schusswaffen-einsatz-gegen-fluechtlinge-an-der-grenze-a-1074816.html>> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxvi</sup> DIE ZEIT. **Beatrix von Storch will doch nicht auf Kinder schießen**. Disponível em <<http://www.zeit.de/politik/2016-01/alternative-fuer-deutschland-beatrix-von-storch-petry-schusswaffen>> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxvii</sup> § 11 - Gesetz über den unmittelbaren Zwang bei Ausübung öffentlicher Gewalt durch Vollzugsbeamte des Bundes (UZwG), 10.03.1961. Disponível em <<https://www.gesetze-im-internet.de/uzwg/UZwG.pdf>> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxviii</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. cit. p. 90.
- <sup>xxix</sup> BAUMAN, Zygmunt. A Sociedade do Medo. *In*: \_\_\_\_\_. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. p. 73-81. As citações se encontram nas páginas 73 e 75.
- <sup>xxx</sup> SOUSA SANOS, Boaventura de. **Los partidos de izquierda despreciaron la calle**. Entrevista a *El País*, em 08/03/2015. Disponível <[https://elpais.com/cultura/2015/03/11/actualidad/1426096697\\_182363.html](https://elpais.com/cultura/2015/03/11/actualidad/1426096697_182363.html)> Acesso em 11/09/2017.
- <sup>xxxi</sup> Idem.
- <sup>xxxii</sup> SOUSA SANTOS, Boaventura de. Cartas às esquerdas. *In*: \_\_\_\_\_. **Difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- <sup>xxxiii</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. Op. Cit.

<sup>XXXIV</sup> Idem.

<sup>XXXV</sup> SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

<sup>XXXVI</sup> LIPOVETSKY, Gilles. Op. Cit.

<sup>XXXVII</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. p. 73-81.

\_\_\_\_\_. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

\_\_\_\_\_. **Europa: uma aventura inacabada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

\_\_\_\_\_. **Globalização: consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

BONACKER, Max. **Goebbels' Mann Beim Radio: Der NS-Propagandist Hans Fritzsche (1900-1953)**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

KLEE, Ernst. **Das Personen-lexikon zum Dritten Reich: wer war was vor und nach 1945**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2013.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Reunificação Alemã**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Crise e desagregação do socialismo. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; Jorge Ferreira; ZENHA, Celeste. **O Século XX: o tempo das dúvidas, do declínio das utopias às globalizações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 161-183.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.